

Novas manifestações, velhos paradigmas

New protests, old paradigms

■ CREMILDA MEDINA *

RESUMO

As manifestações de junho/julho de 2013, no Brasil, provocaram análises de especialistas das ciências sociais que vão da perplexidade à descrição de fatores específicos para explicar a grande movimentação social nas ruas. Este artigo seleciona alguns dos diagnósticos publicados na grande imprensa e os remete para a crise de paradigmas que vem sendo abordada, de forma interdisciplinar, em seminários e ensaios publicados na série “Novo Pacto da Ciência”, iniciada pela autora em 1991 na Escola de Comunicações e Artes.

Palavras-chave: manifestações sociais; crise de paradigmas; reflexão e cobertura jornalística; ciências sociais e comunicação; epistemologia dos discursos de atualidade

ABSTRACT

The 2013 June/July protests in Brazil have evoked analyses from social sciences experts, from perplexity to the description of specific factors that explain the great social manifestation on the streets. This article picks some of the diagnoses published by the press at large and connects them to a crisis in paradigms that has been dealt with, in an interdisciplinary fashion, in seminars and essays published in the “Novo Pacto da Ciência” series, created by the author in 1991 at the Escola de Comunicações e Artes.

Keywords: social movements; paradigm crises; reflections and journalistic coverage; social sciences and communication; epistemology of current discourses

* Jornalista, pesquisadora e professora titular sênior da Universidade de São Paulo, é autora de 14 livros e organizou 52 coletâneas, entre elas a *Série São Paulo de Perfil, Novo Pacto da Ciência e Foro Permanente de Pesquisa sobre a América Latina*. Um dos mais recentes livros, *Ciência e Jornalismo, da herança positivista ao diálogo dos afetos* (Summus Editorial, 2008), aborda a crise dos paradigmas na perspectiva inter e transdisciplinar que caracteriza sua atuação acadêmica.

A 15 DE JULHO de 2013, dois artigos publicados na imprensa paulista retomaram a análise já em curso das manifestações de rua que se iniciaram a pleno vigor a 6 de junho nas cidades brasileiras. Um dia antes, domingo dia 14 de julho, colhi o terceiro texto que reúno na presente reflexão. *Extremamente alto e incrivelmente perto – Manifestações são grandes e intuitivas demais para uma apreensão racional*, artigo de Carlos Ayres Britto (Britto, 2013), publicado no caderno *Ilustríssima* da *Folha de S. Paulo*, contrasta, no próprio título, com os dois outros do dia seguinte: *O marciano, o Brasil e Aristóteles*, de Denis Lerrer Rosenfeld, em *O Estado de S. Paulo* (Rosenfeld, 2013) e *Armadilhas para Dilma*, de Maria Sylvia Carvalho Franco, na *Folha de S. Paulo*. Filósofo, socióloga e jurista lêem o acontecimento contemporâneo de pontos de vista distintos, o que se poderia saudar como pluralidade polifônica e polissêmica, não fosse o contraste entre paradigmas que esquematizam conceitualmente a realidade sociocultural e noções inquietas que interrogam o acontecer humano.

1. Jornal *O Estado de S. Paulo*.

O filósofo gaúcho da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, frequente colaborador do *Estadão*¹, vale-se de uma metáfora – o marciano que visita a Grécia clássica e, em um pulo de tempo imaginário, visita também as ruas brasileiras da atualidade –, mas cedo abandona o espanto do alienígena para se refugiar na lógica aristotélica para defender um diagnóstico fechado. Rosenfeld analisa então o movimento que pretendia mobilizar o País para uma greve geral (quinta-feira, 11 de julho de 2013) e diante da redução de manifestações lideradas pelos partidos e sindicatos de esquerda, abandona o lúdico olhar do marciano e se fecha nos enquadramentos conceituais da *autonomia* das multidões de manifestantes anteriores à greve geral e *heteronomia* dos movimentos “controlados pelos aparatos partidários e burocráticos de uso corrente na esquerda” (Rosenfeld, 2013), segundo essa reflexão, com o objetivo de aniquilar manifestações independentes da sociedade civil. E por aí segue o tom crítico do autor até, na última frase, reenlaçar o tom metafórico de moralidade assertiva: “Nosso amigo marciano, por sua vez, confuso, preferiu voltar ao seu planeta. Pelo menos lá reinam a coerência e a racionalidade” (Rosenfeld, 2013).

Racionalidade, sim, também exposta pela filósofa/socióloga paulista Maria Sylvia Carvalho Franco. Coerência, nem tanto, já que a articulista persegue não o caminho de um marciano, mas o raciocínio em várias trilhas do factual político contemporâneo. Ora se volta para raízes históricas (embora sua área de origem seja a sociologia) e vai buscar nas origens do capitalismo práticas liberais que legitimaram a escravidão; ora desliza para o absolutismo português e sua herança “no controle arbitrário e economia espoliativa” (Carvalho, 2013); ora fala à presidente, companheira de gênero, para lembrá-la de que, “distráida” desses fatos, “caiu em ciladas, algumas embutidas em sua própria ideologia”

(Ibid.). Depois de discorrer enumerando precisamente tais ciladas, nelas inclui os manifestantes que, segundo Maria Sylvia, representam “nebulosa apolítica” (Ibid.). Ou de forma mais segura para a razão analítica da autora, “uma versão requentada da secular ideologia liberal” (Ibid.), o fortalecimento do indivíduo gerado na internet. A partir daí fica difícil seguir o diagnóstico/prognóstico do artigo, porque a argumentação perde o prumo e não se sabe se, afinal, a comentarista se põe ou não ao lado dos indivíduos manifestantes e da tecnologia contemporânea, já que sua conclusão lança a leitura não coerente sobre a racionalidade dos conceitos afirmados: “Como todas as técnicas, ela é meio para ações cujo sentido define-se por seus atores e por seus fins” (Carvalho, 2013).

Reconhecendo o desafio racional destes dois intelectuais, fico com a transparência intuitiva de Carlos Ayres Britto. E não é de agora, pois quando membro e presidente do Supremo Tribunal de Justiça já o havia notado em pronunciamentos históricos como na votação do uso científico das células embrionárias, que inclusive cito em livro *Ciência e Jornalismo, da herança positivista ao diálogo dos afetos* (2008: 40-46). Nessa ocasião como em outras ações contundentes em que atuou antes de se aposentar, o voto espelhava rigor informativo racional, conjugado à intuição criativa e à consciência ética. Um jurista-poeta ou uma sensibilidade solidária colada à abstração das ideias. Mas voltemos às manifestações de rua, aquelas que para Ayres Britto são “grandes e intuitivas demais para uma apreensão racional” (Britto, 2013). Para início de conversa, ele se projeta, junto com os analistas, em um campo de dificuldades ao “lidar com o incognoscível, a saber, com os objetos, fatos, eventos, fenômenos que fazem parte de um terceiro estado de realidade: o mistério” (Britto, 2013). Reconhecer o lado cognoscível da realidade e o lado incognoscível para o jurista é um passo substantivo para uma epistemologia contemporânea que transcende o racional e o irracional, este como o não funcionamento daquele. Mas há de se identificar, com humildade científica, a *não racionalidade*, o que Ayres Britto nomeia de *mistério*.

Na sabedoria sofrida de quem se viu compelido a julgar a vida inteira, acena com suas palavras para a aceitação dos limites da racionalidade:

Numa frase, por maior que seja o número de empíricas ocorrências, as coisas ditas incognoscíveis não se prestam a generalizações teóricas ou antecipada classificação metódica. Inconceituáveis em bloco ou aprioristicamente indescritíveis (Britto, 2013).

Poeta, adora paradoxos: “(...) o genericamente informe é o que se abre a toda e qualquer forma em concreto” (Ibid.). Recorre, como em outras oportunidades, a Fernando Pessoa: “As nações são mistérios. Cada uma delas é um mundo todo

à parte” (Ibid.). Para Ayres Britto, sintonizado no questionamento de velhos paradigmas, é importante não se deixar aprisionar no cubículo dos conceitos previamente elaborados. E então se volta à vitalidade das ruas brasileiras que, outra vez poeticamente, expõem com a luminosidade do sol a pino do Nordeste, mazelas como a corrupção e outras que não cabem no ranço da pauta corporativa. O que se busca? Intuitivamente se arrisca: se busca o inexistente. Ou como o jurista traz de Jung que “em diálogo tão medicinalmente terapêutico quanto espiritualmente propedêutico” fala ao interlocutor: “Pai, se o seu pequenino lhe disser *eu vi você amanhã*, pode acreditar, porque ele viu mesmo” (Britto, 2013).

Apesar de muitas e variadas opiniões sobre o fatos desencadeados a 6 de junho, Carlos Ayres Britto ocupa a página impressa do caderno de domingo de um grande jornal para fazer valer não uma explicação mas uma tentativa de compreensão, “um comentário de quem tateia as coisas ainda imersas em névoa e só apreendidas por vislumbres. Imaginação. Rudimentos de *insights*, na melhor das suposições”. (Britto, 2013). Diz ele então que aprendeu *com os grilos, não com os homens, que vale a pena roer toda a casca da noite para chegar ao branco miolo do dia*.

Os três articulistas oferecem a oportunidade de lembrar o primeiro seminário inter e transdisciplinar que organizei na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo em 1990 e que resultou na série cujo nome – *Novo Pacto da Ciência* – vem do título do livro que reúne o debate e ensaios dos cientistas de várias áreas de conhecimento. Trata-se de um conjunto de reflexões sobre o “Discurso fragmentalista da ciência e a crise de paradigmas” (Medina, 1991). Imediatamente depois, o projeto integrado de pesquisa se credenciou junto ao CNPq durante a última década do século passado e hoje a coleção conta com onze edições, todas com o caráter pluralista no intercâmbio de ciências humanas, biológicas e exatas, bem como o encontro entre ciência e arte. Para os grupos integrados nessa discussão, seja nas universidades de São Paulo, seja de outros Estados, no Brasil ou em outros países (Argentina, Portugal onde se promoveram seminários com essa natureza), as mudanças de visão de mundo, comportamentos culturais e metodologia do trabalho científico constituem tema familiar, presente também nas pesquisas de mestrado e doutorado do núcleo denominado *Projeto Plural e a Crise de Paradigmas* (ECA e Prolam/USP).

De qualquer forma, vale retomar o momento inaugural e os principais aprendizados que desde então vieram à tona não apenas na esfera das ciências da comunicação, mas na partilha inter e transdisciplinar. Escolhem-se, a propósito, apenas algumas noções que servem ao cotejo dos três articulistas diante da realidade contemporânea das manifestações de rua no Brasil. O eixo

de Denis Lerrer Rosenfield se ergue em torno da lógica da coerência, basilar na filosofia aristotélica. Pois bem, no seminário de 1990, compareceu a voz de um matemático que propôs, internacionalmente, a *lógica paraconsistente*. Lógico, epistemólogo e historiador da ciência, Newton da Costa, professor de matemática da USP, começou a falar desta noção nos idos de 1950, mas foi só na década de 1970 em que a *metalógica, metamatemática ou lógica paraconsistente* se consagrou na área. Para o cientista a lógica consistente estaria ao lado da paraconsistente. Na época do seminário, em longa conversa com Newton da Costa, ele citou outros importantes parentescos que incluem na visão de mundo ou na compreensão dos fatos, as contradições. Em Freud e no processo psicanalítico, colheu farta reflexão sobre as contradições; em Marx e na dialética, da mesma forma. O lógico polonês Stanislaw Jaskowski, em 1948, e Newton da Costa, em 1953, um sem saber do outro, caminharam na mesma direção. O matemático brasileiro, porém, já então considerou que mesmo em Aristóteles se vislumbrava a possibilidade paraconsistente.

A inquietude perante os modelos paradigmáticos clássicos de Newton da Costa se manifesta em cinco perguntas registradas na edição primeira do *Novo Pacto da Ciência* (1991: 40):

- 1) Racionalidade e logicidade, de algum modo coincidem?
- 2) Se há várias lógicas, existem, em decorrência, vários tipos de razão?
- 3) As lógicas heterodoxas são, de fato, rivais das clássicas?
- 4) Quais as relações existentes entre a lógica, a linguagem e as ciências empíricas?
- 5) A lógica, em seu estágio de desenvolvimento hodierno, compromete-se com proposições filosóficas, em particular com estruturas ontológicas definidas?

Questões como essas alimentam por si uma constante oficina não só no campo da matemática, mas em todas as áreas de conhecimento. A leitura interpretativa de manifestações de rua parece correr ao largo de tais especulações epistemológicas, mas não. Ouso inferir que as multidões na rua, sejam espontâneas ou articuladas na internet ou convocadas por grupos sociais organizados não cabem de modo algum numa lógica sem contradições. Da mesma forma, a produção da notícia – como registrava eu no livro dos anos 1970, *Notícia, um produto à venda* – reflete a realidade simbólica em um processo de conflito e contradições. Somente os deterministas, em geral na visão econômica, enquadram a informação jornalística nesse pré-molde ideológico e não percebem o jogo de forças contraditórias em que se escreve (*lato senso*, não importa o suporte tecnológico) a narrativa da contemporaneidade. Daí que a cobertura atual das manifestações de rua, mais até do que os comentários, se não dotada

da arrogância judicativa, se abre às interrogações e às *verdades contraditórias* da interpretação dos fatos.

Aproveito para voltar ao seminário transdisciplinar e homenagear um dos colaboradores já falecido, o químico Atílio Vanin (1944-2001) que vocalizou, através da crise paradigmática de sua área, a crescente complexidade. Ainda que o pesquisador conte com equipamentos cada vez mais avançados em seus laboratórios, a observação não pode se valer dos modelos estabelecidos, no que Vanin saudava o permanente retorno à liberdade de pensar. Talvez por isso, o químico fosse tão sensível à Arte. Em um encontro posterior que reuniu cientistas e artistas, Atílio Vanin aproveitou a oportunidade para confessar o respeito e fruição perante *indisciplina* e *indeterminação* da criação poética. Mas espanto maior diante do imaginário desregrado vem de trás dos muros do hospital psiquiátrico. E dessa verdade da loucura – *a outra verdade* – também surgiu o depoimento do psicólogo João Frayze-Pereira (USP) que já na Bienal de São Paulo de 1981 organizava o encontro epifânico entre a Arte Internacional e a *Arte Incomum* de psiquiátricos e ex-psiquiátricos. Para aqueles que procuram a verdade única ou a interpretação coesa do mundo, Frayze-Pereira indica o caminho avesso da *outra verdade* dentro de um hospício. Esse saber atrás dos muros, dizia ele nesse seminário de 1990, junto com a cultura reconhecida da cidade, resgata, de certo modo, a não cultura. Como estamos preparados, digo hoje, para ler a rua se pouco conhecemos do seu subsolo, do avesso do avesso?

Sociólogos como José Carlos Bruni, outro parceiro da USP, trouxeram ao referido seminário uma humildade epistemológica rara nessas discussões que terminam por se inquietar com os movimentos sociais. Para ele, os paradigmas clássicos estavam em crise na simples experiência da rua. Se os químicos, físicos, matemáticos se rebelam contra os conceitos científicos estanques ou os dogmas ideológicos, por que um cientista social deve ficar preso à exclusiva categoria de classe social? Bruni, diante de abalos teóricos do marxismo e do funcionalismo, propunha também no *Novo Pacto da Ciência*, a criação aberta de categorias para compreender os movimentos sociais, reinterpretar os agentes sociais, redescobrir a sociedade como totalidade, reestudar o poder e a dimensão política. Para ele não se trata de explicar o mundo à luz de um novo paradigma, mas, numa visão mais profunda, abrir a reflexão à crítica e à liberdade sobre os modos de inserção na vida humana. Outro participante, Milton Greco, sociólogo também, mas, ao mesmo tempo formado na área biológica (cirurgião dentista), defendeu a emergência de novos paradigmas que não se fechassem em si, o que acrescenta à experiência científica a permanente incerteza. Greco, como os demais representantes de tão distintos saberes, aceitaram com o devido respeito, no

colóquio, as fronteiras clássicas e se ofereceram para construir a dialogia inter e transdisciplinar, aposta de meu esforço a partir da comunicação social.

Passei quatro meses conversando com cada convidado para ensaiar o seminário de um dia (manhã e tarde) na ECA em 1990. Talvez a maior dificuldade, a percebi na reunião de dois físicos – Sílvia Salinas, de Física Mecânica, e Newton Bernardes (1931-2007), de Física Quântica, mesmo com toda a preparação, no primeiro horário dos debates, os dois – da mesma área de conhecimento – pareciam defender paradigmas incompatíveis. No entanto, ao correr do seminário, sobretudo após o almoço em que paladares e afetos conjugaram os hemisférios cerebrais, aconteceu a complementação das lógicas consistentes e as lógicas paraconsistentes, da liberdade de pensar as regularidades do mundo e as indeterminações do caos. A corrida espacial e a informática davam vigor ao florescimento da mecânica clássica, em que leis são imprescindíveis; mas, por outro lado, Sílvia Salinas fruiu atentamente a interpretação inquietante do outro físico, Newton Bernardes, que associou o conhecimento humano aos perenes dilemas entre ciência e arte, ciência e magia. Ou, numa leitura autoral do ensaio que foi registrado no primeiro livro da série *Novo Pacto da Ciência*, o conflito entre Apolo e Dionísio. Para ele, a crise profunda dos paradigmas científicos provém da herança apolínea.

Para o psicanalista Walter Trinca, presente ao encontro, a arte compreende a realidade em sua emanção não visível: “A imaterialidade é sempre o encontro com o sagrado que reside nas profundezas do mundo” (Medina, 1991). Escritor e professor da USP, da vivência psicanalítica, colhe o sentido de nossa crise ao nos desentramos da profundidade não visível. O divórcio se dá, conforme diagnostica, porque a mente está repleta de memórias e desejos provenientes de uma sensorialidade de concretudes. Uma espécie de poluição interna, diria eu. Walter Trinca daí deduz que a imaterialidade *só fala* no desinteressado *silêncio não sensorial*.

À beira do mistério, confessado por Ayres Britto na contemplação dos manifestantes de junho-julho, estes pesquisadores não se esconderam nas couraças acadêmicas e expuseram fraturas de paradigmas para a discussão em um auditório de pós-graduandos da ECA. Falta-me, porém, lembrar um convidado, neurologista, professor da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. Wilson Luiz Sanvito intervém diariamente no cérebro que gera conhecimento, ação e sentimentos. De todos, o que surpreende flagrantes da cabeça humana, aberta numa mesa de cirurgia. Atenção: o Dr. Sanvito se espanta perante o mistério do cérebro e rejeita os modelos que o enquadram. Primeiro, o modelo frenológico; segundo, o embriológico; terceiro, o dióptrico; quarto, tecnológico-mecanicista; quinto, cibernético; hoje, o holográfico. E o

neurologista não mediu as palavras: “Acho que isso é tudo besteira. O cérebro não pode ser pensado do ponto de vista de módulos ou modelos” (Medina, 1991). Embora não descarte a metodologia dos modelos na investigação, no fundo quer afirmar que o mundo vivo transcende as grades mentais em que o reduzimos.

Como provocadora desta mediação de 23 anos atrás, também me expressei como ensaísta na esfera da comunicação social, aí colhendo subsídios transdisciplinares que norteiam a agenda pessoal e coletiva na pesquisa da Dialogia e da formulação das Narrativas da Contemporaneidade. A atuação do jornalista, na prática e na teoria, está visceralmente ligada à experiência de rua. Tão logo começaram as manifestações brasileiras, Sinval Medina e eu fomos à rua, lemos e debatemos a cobertura jornalística, os comentaristas de primeiro momento e as análises de segundo e terceiro momento. Também foi possível, em reunião com os doutorandos, sob minha orientação, ainda em junho, colher o depoimento de oito pesquisadores que há muito trabalham com o *Novo Pacto da Ciência*. Assim, nenhum de nós, com observação empírica e análise conceitual, assumiu um discurso assertivo, jogando recortes paradigmáticos sobre a realidade que posso definir, segundo a epistemologia da complexidade, como *enxaminosa*. Como não reviver o que já foi seguidamente aplicado tanto na narrativa da contemporaneidade como na reflexão teórica que se sucede pelo menos nas quatro últimas décadas. A libertação das camisas de força do pensamento que o neurologista Sanvito defendeu com ênfase, não foram palavras soltas ao vento de primavera de 1990. A leitura do real como as cirurgias de cérebro não se realiza por meio de uma modelagem mental que conduz o ato operatório do médico ou ato simbólico da interpretação do repórter, da opinião do comentarista, do discurso do político.

No máximo ensaiamos a compreensão possível dos fatos. Escrevi no livro que saiu a partir do seminário (1991), que para os físicos como para os jornalistas, a crise do paradigma que rege sujeito/objeto não dá conta da dialogia que na rua ou em outros ambientes só se consuma na relação sujeito/sujeito; aquele vício mental que leva ao leitor do mundo a encontrar a causa e o efeito dos acontecimentos, deve ser erradicado em favor da complexa e enredada intercausalidade; do pensar que o universo é sólido, deslizamos para a noção de universo poroso, redemoinho ou enxaminoso; da concepção de massa destrutível ou indestrutível, compreende-se a massa em transformação; do conceito de certo e errado, percebe-se que os dados da realidade não estão assim hierarquizados e sim, dentro da noção de coerência, de encaixe e sustentação no todo. Em síntese, encarar o mundo e seus movimentos não da forma reducionista, mas de forma complexa constitui a visão de mundo que atravessa a epistemologia

contemporânea, seja na obra de Edgar Morin, seja em autores nacionais com que convivo mais de perto como Milton Greco ou Waldemar de Gregori.

Uma das rupturas paradigmáticas essenciais na comunicação social é justamente a relação sujeito/sujeito em lugar da relação sujeito/objeto. Mas se o contato vivo EU-TU, TU-EU, se faz necessário na dialogia do Jornalismo, não é de forma diferente da relação médico/paciente (paciente?) na medicina ou do sujeito/pesquisador e protagonistas do campo de pesquisa, segundo o paradigma cientificista tradicional, nomeado de objeto de pesquisa. A multi e intercausalidade dos acontecimentos socioculturais é também uma mudança substantiva na leitura da realidade. Tardio na análise, provavelmente no ritmo do historiador e não da reportagem ensaio do jornalista, Jaime Pinsky publicou na *Folha de S.Paulo* de 26 de julho, seu comentário sobre as recentes manifestações. Não levanta, em sua argumentação, a multi e intercausalidade, prefere atribuir o atual contexto a uma herança de causalidade histórica única: “Todos os protestos decorrem do indiscutível e inaceitável distanciamento que existe no Brasil entre a nação e o Estado” (Pinsky, 2013). O diagnóstico se reporta a 1822 e ao que denomina *pecado original* (título do artigo). Pinsky divorcia Estado de Nação, como se houvesse uma bipolaridade no processo político. Entende-se seu propósito crítico ao apontar um Estado-Nação de mais ou menos consistência democrática, mas não um indiscutível e inaceitável pecado determinista, ou uma nação que no processo de sua identidade (brasileira, claro) enfrenta o contínuo e recorrente conflito da formação do Estado Nacional. Seria, pois, passível de enquadrar, à luz da visão contemporânea, Estados e Nações certos e Estados e Nações errados?

Pergunta que se levanta no *Novo Pacto da Ciência* e se prolonga nos encontros dos últimos 23 anos, numa sofisticada rede de noções que estão por trás da operação mental ao praticar a leitura cultural ou produção de sentidos sobre o Real. O diálogo inter e transdisciplinar oferece ao comunicador, assim como a outros profissionais das ciências humanas, exatas e biológicas, inúmeros subsídios para refazer a cabeça (proposta constante na obra de Edgar Morin) no que ela produz de interpretação dos acontecimentos. Entretanto, gostaria de voltar à velha obsessão de repórter na contemporaneidade: o espaço de dialogia por excelência que sempre defendi – a rua. E agora me exponho: tendo experimentado muitas manifestações dos anos 1960 em diante e fiquei encantada com o fato de a população, em grande parte jovem, mas não só, estar interconectada pelas atuais infovias; e, por outro lado, deixar a solidão física à frente da máquina e ir à rua, reencontrar o laço coletivo, *o signo da interação social criadora*.

Poucos dias após a manifestação de 6 de junho, escrevi as primeiras percepções, quando todos se interrogavam numa salutar perplexidade, e enviei

por *e-mail* a meu neto, Gabriel Medina Ximenes, que terminava à época uma especialização em gastronomia no País Basco e me perguntava o que estava acontecendo em sua terra. Reproduzo a seguir minha reflexão inaugural:

Meu queridíssimo neto maior, Gabo do coração: temos estado em contato permanente com suas façanhas de herói virador europeu, representando o que de melhor existe no sevirol brasileiro em terras do *Hemisfério Noite*². Um orgulho constante para sua família (de várias latitudes) e seus amigos presenciais, porque os virtuais nem sempre são vigorosos como as infovias prometem. Por isso, querido Gabo, vamos pra rua no Brasil. Você sabe que sua avó-repórter sempre teve a rua e o contato interativo quente com o *Outro* como proposta de ação e de teoria. De maneira que me entusiasmei, assim com o Sinval, com a explosão de demandas sociais que correm as cidades brasileiras. Não se sabe ainda no que vai dar, mas uma coisa é certa – vários estereótipos vêm abaixo. Por exemplo: que a juventude pós-moderna é individualista e só procura a própria satisfação e expressão na internet, ao contrário, vai à rua em busca do coletivismo, da solidariedade intergrupar, intertribal, sintonizada que está com as causas da sociedade contemporânea como mobilidade urbana, qualidade de vida, educação e saúde, desgosto com o estado geral das instituições na democracia mal acabada; que o brasileiro não é aquele sujeito pateta que engole o que os marketeiros querem lhe enfiar garganta abaixo, ao contrário, deu um chega pra lá nas bandeiras que encobrem a incompetência política (de governos e partidos, executivo, legislativo e judiciário) e não agem com presteza contra a corrupção; que o tônus nacional, embora vibre com o futebol e o carnaval, sabe distinguir os limites da propaganda eleitoral que se apropria desses valores míticos e os transforma em manipulação dogmática a ponto de priorizar gastos inacreditáveis com estádios e exigências da Fifa, deixando entregues ao caos os entornos sociais de infraestruturas, transportes, saúde, educação, habitação etc. Enfim, meu querido, todos os da luta como nós que estamos aí em manifestações públicas antes mesmo de sua mãe nascer, no final dos anos 1950, desejamos que quando você voltar ao seu País, encontre algumas mudanças em um processo social de longo curso. Sabemos, porém, que certamente você, nos seus 24 anos, é um cidadão consciente de tudo isso. Grande beijo.

Não sei se quando Gabriel voltar ao Brasil (provavelmente no fim do ano) encontrará o País transformado à luz dos reclamos espalhados pelas ruas e infovias. Avanços e recorrências são sinais vivos do processo, sobretudo para quem não encara os fatos sociais com a perspectiva do genesismo ou do principismo. Mais uma vez lembro das viagens do Projeto Plural, quando, em 1991, ouvi uma conferência e conversei longamente com Ilya Prigogine em Buenos

2. A autora consagrou em seus escritos as metáforas Hemisfério Sol e Hemisfério Noite para Sul e Norte, respectivamente. N.E. Ver: MEDINA, Sinval. A literatura na era da incerteza. *Do Hemisfério Sol*. (orgs.). Cremilda Medina e Milton Greco. Projeto Novo Pacto da Ciência, volume 2. São Paulo: ECA/USP, 1993.

Aires no encontro interdisciplinar internacional *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade*. Há muito o que colher na obra desse Prêmio Nobel, mas um de seus entendimentos do caos perdurou em todas situações, sejam elas extraordinárias ou cotidianas. Prigogine (1917-2003) partia do laboratório da química e da física para transpor a teoria do caos dinâmico para a história e a sociedade humanas. Das situações aparentemente sem saída, emergem *atos emancipatórios* que redirecionam o caos. Quem sabe se no clamor das ruas brasileiras surpreendemos a dinâmica do caos? **M**

REFERÊNCIAS

- MEDINA, Cremilda (org.). *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. 6 ed. São Paulo: Summus, 1988.
- _____. (org.). *Novo pacto da ciência. A crise dos paradigmas – primeiro seminário interdisciplinar*. Anais, USP/ECA, 1990-1991.
- MEDINA, Cremilda e GRECO, Milton. (orgs.). *Novo Pacto da Ciência 3: Saber Plural: o discurso fragmentalista da ciência e a crise de paradigmas*. São Paulo: ECA/USP/CNPq, 1994.
- MEDINA, Sinval. A literatura na era da incerteza. *Do Hemisfério Sol*. (orgs.). Cremilda Medina e Milton Greco. Projeto Novo Pacto da Ciência, volume 2. São Paulo: ECA/USP, 1993.

Endereços eletrônicos

- BRITTO, Carlos Ayres. Extremamente alto e incrivelmente perto. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 jul. 2013. Ilustríssima. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/118725-extremamente-alto-e-incrivelmente-perto.shtml>>. Acesso em: 16 set. 2013.
- FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. Armadilhas para Dilma. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 jul. 2013. Opinião, Tendências/Debates. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2013/07/1311127-maria-sylvia-carvalho-franco-armadilhas-para-dilma.shtml>>. Acesso em: 16 set. 2013.
- ROSENFELD, Denis Lerrer. O marciano, o Brasil e Aristóteles. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 jul. 2013. Opinião. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,o-marciano-o-brasil-e-aristoteles-,1053542,o.htm>>.
- PINSKY, Jaime. O pecado original. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 jul. 2013. Opinião, Tendências/Debates. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2013/07/1316842-jaime-pinsky-o-pecado-original.shtml>>.

Artigo recebido em 21 de agosto de 2013 e aprovado em 28 de agosto de 2013.